

# O voto no programa

Termina hoje a campanha eleitoral nos meios eletrônicos de comunicação, os comícios, passeatas e carreatas. A lei eleitoral reserva os dois dias que antecedem o momento do voto para que o eleitor, sem os apelos da propaganda política, possa meditar sobre a escolha que vai fazer, medir os prós e os contras dos candidatos que nos últimos dois meses exibiram seus currículos e suas idéias em busca da preferência popular.

No que diz respeito à eleição para presidente, esse período de meditação parece desnecessário. Se as pesquisas de intenção de voto estiverem certas, a maioria do eleitorado já fez a sua escolha e a única dúvida que ainda existe é sobre a possibilidade de essa maioria ser suficiente para eleger seu candidato no primeiro turno ou se haverá necessidade de um segundo turno.

O próprio Lula, ao admitir conversar com Fernando Henrique sobre uma possível colaboração do PT com o futuro governo, mesmo com a ressalva de que espera a mesma atitude do senador tucano caso vença a eleição, admite tacitamente que considera o páreo presidencial decidido.

A eleição para a Presidência da República de um homem com as credenciais que Fernando Henrique exhibe para governar com seriedade e competência seria um fato auspicioso.

Quando falamos em credenciais não estamos pensando, em primeiro lugar, nos seus títulos acadêmicos, na sua obra sociológica, nos seus estudos sobre a problemática da complexa sociedade brasileira aos quais dedicou toda a sua carreira universitária. Pensamos, em primeiro lugar, nas suas credenciais político-administrativas, mesmo porque, ao contrário do que vem afirmando o candidato Lula da Silva, não é o diploma universitário que está determinando a opção da maioria do eleitora-

do por Fernando Henrique, mas sim a competência para governar exibida no período em que, no Ministério da Fazenda, conduziu a elaboração do programa de estabilização da economia, cujos primeiros resultados substituíram, entre a população brasileira, o desespero que estava elegendo Lula pela esperança que o está elegendo agora.

Naquele período — durante as negociações para obter a aprovação do plano pelo Congresso — ficamos sabendo que o parlamentar que se destacava entre seus pares pela sua cultura e inteligência reunia também as virtudes políticas indispensáveis para que se forje a autêntica liderança democrática: a paciência de ouvir, a arte de conciliar, o poder de convencer, a humildade de ceder mesmo quando não está convencido, que decorre da convicção de que a democracia é, antes de tudo, o regime da conciliação de interesses conflitantes.

É claro que a grande maioria do eleitorado, que hoje se dispõe a levá-lo à Presidência da República, não estava, naquele período, divisando essas virtudes. Essa maioria fez a sua opção de voto depois que sentiu os efeitos daquilo que somente essas virtudes poderiam tornar possível — o programa de estabilização da economia.

Se as pesquisas estão certas, a maioria do eleitorado irá votar num programa de governo que já está sendo executado e que deseja que continue. Será um fato inédito na história das eleições brasileiras, que sempre giraram em torno de promessas de programas que nunca foram plenamente cumpridas pelos governos que delas resultaram.

Desta vez, se Fernando Henrique for eleito, só poderá haver frustração se o Congresso não cumprir a missão que o eleitorado, indiretamente, irá lhe delegar.